

As escolas de samba e o futebol na cidade do Rio de Janeiro: Os casos Botafogo Samba Clube e Imperadores Rubro Negros¹

Ricardo José Barbieri (Iart/UERJ/RJ/Brasil)

Palavras chave: Escolas de Samba, Rio de Janeiro, Futebol.

Introdução: Escolas de samba, Torcidas Organizadas e Futebol.

Inicialmente devo esclarecer algumas das confusões mais comuns que encontro ao tratar do tema em questão. Retomo os primórdios das escolas de samba no Rio de Janeiro, e talvez pudesse me estender para outras cidades, mas vamos nos limitar ao Rio de Janeiro. Muitas das escolas conhecidas têm suas raízes fincadas em times de futebol de várzea onde a práticas esportivas amplia sua sociabilidade para a festiva (Queiroz; 1999). Afinal, as charangas, as bandas e as batucadas acompanham muitos dos times de várzea até hoje, animando a sua entrada em campo com cantos de incentivo das torcidas durante o jogo e na comemoração ou retorno para casa. Como no União Futebol Clube da Ilha do Governador, no qual o apreço por samba daqueles futebolistas insulanos se desdobrou na fundação do Grêmio Recreativo e Escola de Samba União da Ilha do Governador (Barbieri; 2012; Neto; 2011). Esse foi também o caso dos Independentes de Padre Miguel, que fundaram a Mocidade Independente de Padre Miguel (Pereira, 2013). Um caminho semelhante foi percorrido por moradores da Rua São Clemente, no bairro de Botafogo, quando adotaram na bandeira do antigo bloco Unidos de São Clemente - e posterior Grêmio Recreativo e Escola de Samba São Clemente - as cores do Peñarol, inspiração declarada de Ivo da Rocha Gomes, o fundador do bloco carnavalesco. Estes clementianos que até hoje atuam com destaque no futebol de areia (Leal et.al; 2015). Fora estes há mais inúmeros casos entre os mitos originários das escolas de samba Brasil afora.

Os vínculos das escolas de samba com clubes de futebol se estabeleceram na livre associação do senso comum - como não lembrar do samba “Flamengo e Mangueira” de Bezerra da Silva? Ou lembrar dos enredos e de seus sambas que reforçaram essa ligação ao longo da história do carnaval, casos do enredo sobre o Flamengo da Estácio de Sá em

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

1995,² ou a Unidos da Tijuca que cantou o Vasco da Gama (o pioneiro navegador e o clube de regatas) em 1998³.

Isso nos traz também à presença dos sambas de enredo nas arquibancadas futebolísticas. Inúmeras torcidas de times de futebol cantam nas arquibancadas versões de sambas: como o samba do Acadêmicos do Salgueiro de 1993, mais conhecido como “Explode Coração”, do que pelo enredo “Peguei um Ita no Norte”⁴. A lista segue com o samba do carnaval 1989 da União da Ilha, “Festa Profana”⁵. Mais recentemente a torcida do Botafogo passou a cantar uma paródia baseada no samba de enredo da Viradouro no carnaval de 2008, do enredo “A Viradouro vira o jogo”⁶ do carnavalesco Paulo Barros. Já a torcida do Fluminense adaptou a melodia do samba de enredo “Gosto que me enrosco”⁷ cantado pela Portela no vice-campeonato do carnaval de 1995.

Porém não tratamos aqui da relação direta entre torcidas organizadas e suas escolas de samba ou blocos como é o caso modelar da organização institucional das arquibancadas para as passarelas de samba em São Paulo com os casos de Gaviões, Mancha, Dragões, Independente e Torcida Jovem; entre outros (Hollanda & Medeiros; 2018).

Tal relação se fez presente, e mesmo com bastante força no Rio de Janeiro, porém com uma outra dinâmica. Em meados dos anos 2000, as escolas de samba cariocas começaram a ganhar também suas torcidas organizadas. A busca das escolas em organizarem torcidas inspiradas nas torcidas organizadas dos times de futebol, dataria, segundo alguns, dos anos 1980 quando foram registradas imagens da Unilha, uma torcida organizada que levava bandeiras azuis, vermelhas e brancas para prestigiar o desfile da União da Ilha do Governador no carnaval da cidade. Tal fato, entretanto, tem sido contestado por membros das atuais torcidas organizadas das escolas de samba, justamente por prezarem como prova de verdade aspectos institucionais como a ata de fundação. Sob esse ponto de vista, o primeiro registro de uma torcida organizada de escola de samba no Rio de Janeiro, seria a dos Guerreiros da Águia, da Portela (Pimenta & Silva; 2019), que

² “Uma vez Flamengo...” do carnavalesco Mário Borriello.

³ “De Gama a Vasco, a epopéia da Tijuca” do carnavalesco Oswaldo Jardim.

⁴ O enredo por sua vez foi inspirado na canção "Peguei um Ita no Norte" (1945) de Dorival Caymmi, que narra a viagem costeira a bordo do vapor "Itapé" quando o compositor baiano migrou em 1938 para a o Rio de Janeiro, a então capital federal.

⁵ Enredo do carnavalesco Ney Ayan e samba dos compositores Franco, J.Britto e Bujão.

⁶ Mais precisamente o refrão do samba de Gustavo Clarão, Gilberto Gomes, Nando, Pablo e PC Portugal que diz assim: “Sou Viradouro e vou cantar/Com muito orgulho, com muito amor/Esse jogo vai virar/ Eu quero ser o vencedor”

⁷ Enredo do carnavalesco José Félix e samba dos compositores Noca da Portela, Colombo e Gelson.

com as bandeiras de seu time de futebol prestigiava a passagem das escolas de samba em ensaios no Sambódromo ou no desfile festivo. Essas torcidas das escolas de samba surgidas a partir de 2000 organizam eventos, mobilizam recursos para o carnaval, cuidam de sua memória e da de sua escola de filiação e participam ativamente da política interna da agremiação (Ericeira; 2009). Seguindo-se aos Guerreiros da Águia, foram fundadas a Portelamor; a Independentes da Mocidade; La Pandilla Clementiana; a Raiz Mangueirense; a Leões do Estácio; e a Nação Leopoldinense.

O fenômeno, que se desdobra Brasil afora, ganhou um interessante formato em Manaus (AM) onde as torcidas de cada escola organizam-se e posicionam-se por cada setor de arquibancada do sambódromo. Por lá, a maior torcida organizada, ligada à escola de samba Reino Unido da Liberdade, é a Gigantes do Morro (Barbieri, 2016). O caso de Manaus pode ser aproximado àquele das galeras dos bumbás de Parintins (AM), onde a produção ritual da rivalidade é mobilizadora (Cavalcanti; 2018). Retomaremos este tema mais adiante.

Voltando ao Rio de Janeiro, e ao carnaval de 2019, percebemos que o fenômeno ganhou outras marcas que o diferenciam de quaisquer outras experimentadas nos carnavais de escolas de samba. Como veremos, os casos de Botafogo Samba Clube e Imperadores Rubro-negros destacam-se por uma ampla apropriação da simbologia do clube de futebol (Flamengo e Botafogo) e pelo estabelecimento de redes de relações entre sambistas e torcedores que superam a mediação da torcida organizada.

Vamos inicialmente apresentar a hierarquia competitiva que posiciona as escolas de samba no contexto competitivo mais amplo do carnaval carioca e os dilemas enfrentados pelas agremiações. A seguir apresentaremos os casos da preparação e do desfile das escolas de samba Imperadores Rubro Negros e Botafogo Samba Clube.

1. Os tortuosos caminhos trilhados para brilhar na Sapucaí

Desde a pesquisa com a Acadêmicos do Dendê (Barbieri; 2012), me pergunto: o que leva os sambistas a fundar uma escola de samba? E, após a fundação, o que os motiva a permanecer nela mesmo em meio às maiores crises enfrentadas diante de desfiles malsucedidos e de seu posicionamento nas posições mais inferiores do gradiente competitivo? O que os motiva a seguir cultivando o amor pelo carnaval de escolas de samba ainda que num contexto de sacrifícios? Outros pesquisadores fizeram as mesmas

perguntas⁸ que se atualizam com as mudanças nas regras da competição das escolas de samba, da lógica espacial da festa e a reorganização conjuntural da sociabilidade política. Aqui devemos apresentar, com o intuito de contextualização, os caminhos que Botafogo Samba Clube e Imperadores Rubro Negros deverão percorrer no caminho de um almejado sucesso no desfile carnavalesco que resultaria ao final em sua contínua ascensão aos gradientes superiores da disputa carnavalesca anual. Para tanto vamos apresentar de forma breve a hierarquia competitiva das escolas de samba no Rio de Janeiro iluminando sua base, ou seja, as últimas divisões do carnaval carioca. Trata-se, como veremos, de um espaço liminar, um umbral, um verdadeiro limite sempre prestes a ser transposto rumo à a vida ou à morte de uma escola de samba.

Visualizaremos um complexo sistema com certa vocação para a fluidez, no qual as escolas de samba se organizam e reorganizam ao sabor dos diferentes contextos político-culturais da cidade. Todo tempo fundem-se e dissolvem-se entidades ou associações organizadoras da competição (Turano; 2017). Recorremos ao quadro abaixo cuja última coluna indica uma classificação neutra que permite que possamos nos mover dentro do complexo sistema competitivo das escolas de samba do Rio de Janeiro composto de 6 divisões hierárquicas, abrangidas por diferentes Associações representativas, e cujos locais e datas de desfile variam:

Grupo	Entidade Organizadora	Local de desfile	Dia de desfile	Participantes em 2019	Classificação Neutra
Especial	LIESA	Sambódromo	Domingo e segunda/ Sábado das Campeãs	14	1ª divisão
Série A	LIERJ	Sambódromo	Sexta e Sábado	13	2ª divisão

⁸ Ver Araújo; 2009.

Grupo B	LIESB	Estrada Intendente Magalhães	Terça-feira	11	3ª divisão
Grupo C	LIESB	Estrada Intendente Magalhães	Segunda- feira	13	4ª divisão
Grupo D	LIESB	Estrada Intendente Magalhães	Domingo	13	5ª divisão
Grupo E	ACAS	Estrada Intendente Magalhães	Sábado das campeãs	15	6ª divisão

Podemos agora situar as escolas que constituem nosso estudo de caso. No carnaval 2019, a escola de samba Botafogo Samba Clube no penúltimo grupo da hierarquia competitiva, ou seja, na 5ª divisão. Mais adiante explicaremos tal posicionamento. Por sua vez, a escola de samba Imperadores Rubro Negros faria naquele carnaval seu primeiro desfile posicionado na última divisão.

Esse regime competitivo é decisivo na definição da realidade a ser enfrentada pelas agremiações. Com o estudo do Dendê (op.cit; 2012), então situado na terceira divisão, pude perceber como a ascensão, ou a “subida” de grupo, integrava um projeto de sucesso que tinha como limite chegar ao primeiro grupo, à divisão de elite do carnaval carioca. Assim, uma escola que já tenha chegado lá, mesmo que lá não tenha conseguido permanecer, é sempre lembrada por seus componentes por essa façanha. São inúmeros os exemplos na cidade do Rio de Janeiro como Unidos de Lucas, Unidos do Cabuçu, Vizinha Faladeira que já passaram pelo grupo principal das escolas de samba e mesmo nos últimos

grupos até hoje celebram em sua história esse momento. A dificuldade em se manter no topo da hierarquia - o que amplia imensamente a visibilidade de uma escola frente à cidade como um todo - no entanto, valoriza ainda mais a competição. As diferentes condições encontradas pelas escolas nos diferentes grupos hierárquicos envolvem colaborações e conflitos que ultrapassam o campo festivo e transbordam nas relações cotidianas dos sambistas e afetam sua forma de enxergar a cidade. O regime ritual-competitivo das escolas de samba propicia a intensa circulação dos atores sociais por entre uma complexa rede social cheia de alianças intrincadas, feitas e refeitas anualmente. Essa moldura ritual abre espaço tanto para os indivíduos que transitam por entre diferentes áreas territoriais e regiões urbanas como para a relevante associação de cada escola de samba e à região ou bairro em que ela está sediada. No amplo mundo do carnaval, mesmo os pertencimentos como membro de uma ou outra escola de samba por exemplo não se excluem necessariamente, e pode ser relativizado ou revelar-se relevante dependendo dos interesses em jogo em cada situação social. Nesse contexto, o local de desfiles, o Sambódromo Darcy Ribeiro, na avenida Marquês de Sapucaí, no centro do Rio de Janeiro, ou a Estrada Intendente Magalhães no bairro de Campinho, Zona Norte do Rio, é um marco decisivo de passagem entre patamares de visibilidade e valorização públicas no carnaval carioca.

Lembremos, no entanto, das dificuldades de uma idealizada trajetória de ascensão - o desejo de sucesso que movimenta todo o gradiente.

Tais dificuldades são reforçadas por condições materiais, o que, entretanto, não tira a motivação dos componentes. A dinâmica das 3^a, 4^a, 5^a e 6^a divisões do carnaval é bem conhecida dos sambistas. As marcas da sua liminaridade concretizam-se na pista de desfile improvisada, e oficialmente apresentada como temporária, no subúrbio carioca; nos espaços de preparação das alegorias igualmente improvisados e compartilhados com os concorrentes; e na própria visibilidade pública bem menor.

Como veremos, outras escolas de samba, que tentaram percorrer tal trajetória de sucesso rumo à Marquês de Sapucaí, fracassaram. Algumas enfrentaram até mesmo situações bem parecidas com as que compõem nosso estudo de caso.

2.O caso Botafogo Samba Clube: da fundação controversa ao desfile de 2019

Antes da fundação da Botafogo Samba Clube existia a Tupy de Brás de Pina⁹. A Tupy é uma escola fundada em 1948, e tornou-se conhecida através de um dos sambas de enredo clássicos do carnaval carioca, “Seca do Nordeste” em 1961 de autoria de Gilberto Andrade e Waldir Oliveira. Em sua história alcançou a 1ª divisão apenas quatro vezes. Em 1999, quando foi rebaixada à última divisão, a escola "enrolou a bandeira"¹⁰ e, oficialmente, permaneceu licenciada junto à Associação das Escolas de Samba do Carnaval do Rio de Janeiro (AESCRJ) até o carnaval 2015¹¹.

No carnaval de 2015, depois de 16 anos ausente dos desfiles, a Tupy foi refundada e desfilou novamente no carnaval carioca. Em 2016, ainda na última divisão, foi consagrada campeã e ascendeu para a 5ª divisão. O público deste desfile viu com satisfação a passagem da Tupy, a única ovacionada pelo público - e boa parte dessa identificação pode ser atribuída ao seu reconhecimento como uma das mais antigas escolas do carnaval carioca. Nos carnavais de 2017 e 2018, a escola já não se apresentou com o mesmo destaque e ficou em posições intermediárias dentro do quinto grupo hierárquico. Quem visitava alguns de seus ensaios no período apontava certa decadência. Havia, diziam, pouco público, poucos ritmistas na bateria, em um espaço improvisado sob um viaduto e uma rua sem saída do bairro da Penha, na Zona Norte do Rio de Janeiro.

Vendo-se nessa situação, alguns dirigentes e refundadores da Tupy de Brás de Pina optaram pela mudança de nome, de marcas e por uma guinada completa. Na imprensa, a mudança ganhou destaque ampliado, pois a Tupy, por obra de inúmeros botafoguenses que compunham o seu quadro social, tornou-se Botafogo Samba Clube¹². Os dísticos e a bandeira mudaram indicando novos rumos. O perfil de um indígena com cocar azul junto a data de fundação, 1948, foi substituído pela estrela solitária em fundo

⁹ Sobre a primeira fase da história da Tupy de Brás de Pina ver Pimentel; 2012.

¹⁰ Entre os sambistas, diz-se de uma escola que não se apresenta nos desfiles como “enrolou a bandeira”. Tal categoria remete ao ato de guardar a bandeira, símbolo maior da apresentação da escola (Gonçalves; 2009) para reapresentação num novo carnaval ao público. Sempre que uma escola deixa de desfilar há incerteza sobre seu retorno. Uma reflexão sobre esta expressão nativa indica a esperança de retomada alimentada não apenas por seus componentes como também por seus adversários. Não propriamente uma morte, extinção ou funeral da escola; mas sim um licenciamento ou uma bandeira guardada aguardando seu retorno ou resgate ao carnaval. Há entretanto o apagamento da memória gradativo no caso de escolas que não voltaram a desfilar.

¹¹ Filiou-se à Associação Carnavalesca Samba é Nosso (ACSN) um ano após sua refundação e quando da dissolução desta última transferiu-se para a Liga Independente das Escolas de Samba do Brasil (LIESB) em 2017.

¹² Embora essa aproximação não tenha sido oficialmente afirmada, a adoção do nome da nova escola de samba fez parte da aproximação da diretoria do clube já que foi inspirado em uma ação de marketing do próprio Botafogo de Futebol e Regatas: um concurso de sambas de enredo com a temática histórica do clube. Concurso este existente há pelo menos seis anos antes da fundação da escola de samba.

negro, ladeada por pandeiro, violão e um tambor sem a antiga data de fundação da Tupy. No lugar do azul e branco em raios que irradiavam do centro para as extremidades da bandeira da Tupy entraram as listras horizontais em preto e branco. O novo presidente da escola foi um torcedor representativo de uma das torcidas organizadas do clube, Alex Costa ou como é mais conhecido: Alex Botafogo, da Torcida Fogoró. Pouco menos de um mês depois, a presidência da escola de samba foi trocada e Sandro Lima, também membro da Fogoró e antigo presidente da Acadêmicos do Engenho da Rainha onde era conhecido como Bad Boy, assumiu e Alex passou ao Conselho Deliberativo. O enredo anunciado juntamente com a mudança de rumos sacramentou a identificação entre clube de futebol e escola de samba: “Túlio, o glorioso”, uma homenagem ao atacante que foi campeão brasileiro pelo Botafogo de Futebol e Regatas em 1995. Em declaração ao site G1¹³, Alex endossava:

“Vamos levar as cores alvinegras para a avenida com muita seriedade. Como falta pouco menos de sete meses para o carnaval, estamos correndo com a documentação e resolvendo problemas de ordem prática, como a contratação de mestre-sala e porta-bandeira e coisas do gênero” (Alex Botafogo em declaração ao site G1 em 27 de julho de 2018)

A questão da memória referente a antiga Tupy gerou reações entre outras escolas, especialmente entre as adversárias situadas na mesma divisão hierárquica. A Império Ricardense encabeçou um manifesto público contra o que chamavam de “venda de CNPJ”, uma expressão que no mundo do samba indica a prática recorrente¹⁴ de venda do arcabouço legal de um grupo para outro que, ao invés de fundar uma nova escola de samba que iniciaria sua vida partindo do último nível hierárquico do gradiente

¹³ “Torcedores do Botafogo criam escola de samba no Rio” por Alba Valéria Mendonça. Publicada em 27 de julho de 2018 em <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2019/noticia/2018/07/27/torcedores-do-botafogo-criam-escola-de-samba-no-rio.ghtml> Acesso em 4 de setembro de 2018.

¹⁴ A prática é recorrente há muitos anos no carnaval carioca. Como veremos dois casos de escolas de samba ligadas à clubes de futebol utilizaram-se de tal expediente: a Império Rubro Negro e a Nação Rubro negra desfilaram na vaga de Mocidade de Vasconcelos e Império da Praça Seca. No carnaval de 2018 a situação se repetiu em uma fusão citada na carta da Império Ricardense. No carnaval de 2019 mais uma fusão entre a Unidos das Vargens (escola sediada em Vargem Grande) com a Flor da Mina do Andaraí gerando a Unidos da Flor da Mina e colocando a escola do Andaraí no grupo superior ocupando a vaga da Unidos das Vargens. Como no caso da Acadêmicos do Jardim Bangu, para o carnaval 2020 a Flor da Mina do Andaraí volta a adotar o nome antigo após seu estabelecimento.

competitivo, já se vê situada em posição menos desfavorável. Como herdeira da Tupy, a Botafogo Samba Clube já começava na penúltima divisão:

“O Grêmio Recreativo Escola de Samba Império Ricardense vem através desta nota questionar publicamente a associação de uma nova agremiação em conjunto a torcida organizada de um dos grandes clubes de futebol da cidade. (...) A Império Ricardense não é contra a criação de novas escolas, mas não aceita que as façam ferindo o estatuto da Liga, sem os critérios normais de passarem pelo grupo de avaliação, como fizemos na nossa fundação.

Em tempo, gostaríamos também de questionar o posicionamento da prefeitura do Rio de Janeiro que parece compactuar com tal prática. Entendemos que a idoneidade e neutralidade da Riotur se farão notadas providenciando auditoria na Liga para apurar não só a conversão da Tupy de Brás de Pina, como também a legalidade das novas escolas. Também no fatídico episódio do ano passado dois bairros se uniram numa só agremiação, conseguindo a proeza de unir Bangu ao bairro de Acari, provando que a magia do carnaval faz milagres durante a atual gestão da LIESB.” (Nota Oficial do GRES Império Ricardense em 25 de julho de 2018)

O descontentamento transcendia o caso da Botafogo Samba Clube. No mesmo carnaval 2018, como frisa a nota, a Corações Unidos do Amarelinho, sediada no Conjunto Habitacional Amarelinho de Irajá, na Zona Norte do Rio, cederia sua vaga na penúltima divisão para a Acadêmicos de Jardim Bangu, que, por sua vez, desfilaria pelo terceiro ano na última divisão, através de uma fusão não comprovada que duraria apenas aquele carnaval. Ou seja, apenas no carnaval 2018 houve um desfile de uma escola denominada Corações Unidos do Jardim Bangu. Já no carnaval 2019, após permanecer na quinta divisão a escola voltou a se chamar Acadêmicos do Jardim Bangu.

O debate polemizou a compra de CNPJs, criticando a falta de idoneidade nas regras do jogo. Além da apuração das notas, um já conhecido momento de protestos e

acusações públicas acerca da falta de lisura no julgamento, este é outro momento de crise na dinâmica competitiva do ciclo ritual carnavalesco. Neste caso, soma-se a questão competitiva inerente à dinâmica carnavalesca uma nova apreensão. As escolas estão acostumadas a rivalizar entre si, mas encaram de forma diferente a rivalidade com escolas associadas aos clubes de futebol. Temem que a rivalidade de outro formato e significados diversos, oriunda do mundo do futebol, venha a tornar violentas as relações entre componentes das diferentes escolas. Alguns temem que a ligação com o clube de futebol desloque e venha a minar o afeto carnavalesco dos torcedores da escola. Como indica outro trecho da carta da escola do bairro Ricardo de Albuquerque que, erroneamente, mencionava a nova escola de samba Botafogo Samba Clube como uma “escola de torcida organizada de futebol”.

A questão do duplo pertencimento se desdobrou quando do anúncio dos integrantes de postos chave da escola como intérprete do samba, carnavalesco, mestre de bateria e casal de mestre sala e porta bandeira. Cada anúncio vinha acompanhado na imprensa carnavalesca de novas questões sobre a torcida clubística do profissional contratado no futebol carioca. Normalmente tal assunto é tratado de forma esquiiva quando o ocupante de um desses postos torce para um clube rival. O carnavalesco Tom Santos, no entanto, explicitou sua adesão ao Clube de Regatas Flamengo no próprio release de divulgação distribuído pela nova escola. Ao mesmo tempo, o mestre sala Diego Moreira fez questão de relacionar a escola de samba ao “seu time de coração” em entrevista à TV Brasil. A questão emerge também na Imperadores Rubro Negros, e é recorrente no caso das escolas de samba ligadas às torcidas organizadas de futebol em São Paulo (Bueno; 2015).

A Botafogo Samba Clube assumia a identificação com o clube, ao realizar seus ensaios e eventos no estádio Nilton Santos, do clube de futebol alvinegro no bairro do Engenho de Dentro na zona norte. Inicialmente, isso ocorria em espaços contíguos às arquibancadas e em dias diferentes de jogos do clube. Posteriormente, a dois meses do carnaval, ocuparam Botafogo Food Park, espaço externo do estádio, próximo a entrada das arquibancadas do setor oeste, uma espécie de praça de alimentação onde se concentram *Food Trucks* em torno de um palco central. Boa parte de tais eventos era animada pelo samba do Botafogo Samba Clube para o carnaval 2019, mas sambas de outras escolas cariocas também eram cantados.

Os ensaios no estádio Nilton Santos frisam a parceria com o clube, e membros da agremiação reconhecem a importância da parceria. Além de poupar gastos com uma quadra própria, os ensaios no Botafogo Food Park aglutinavam um público muito superior aos idos tempos da Tupy de Brás de Pina. Também favoreciam o interesse de potenciais componentes para desfile, um aspecto crítico para as escolas que desfilam na Estrada Intendente Magalhães e muitas vezes não alcançam os números de componentes exigidos pelo regulamento para suas alas.

1.2. O desfile do Botafogo Samba Clube e seus desdobramentos

Acompanhei o desfile da escola no carnaval de 2019. Os momentos que antecederam seu desfile foram tensos, em especial por conta de fatores externos à organização da própria escola. Na sexta-feira de carnaval, um temporal atrasou o início dos desfiles da 2ª divisão na Avenida Marquês de Sapucaí, centro do Rio de Janeiro. A chuva se prolongou, tendo parado apenas na terça-feira gorda. Debates acirrados entre prefeitura e as escolas de samba acerca da subvenção pública dos desfiles antecederam o carnaval. Na véspera do carnaval, os jornais anunciaram a possível interdição por parte dos Corpo de Bombeiros, do sambódromo por falta de segurança nas instalações. Finalmente, no sábado de carnaval houve rumores de conflito armado entre traficantes e milicianos pelo domínio do Morro do Fubá – localizado próximo à área de concentração e início dos desfiles na Estrada Intendente Magalhães.

De fato, no sábado de carnaval, quando o Grupo 2 dos Blocos de Enredo desfilavam em Campinho, o bairro onde se localiza a Intendente, um tiroteio no Morro do Fubá chegou a interromper os desfiles e causar pânico entre o público presente. Provavelmente por conta disso, o público no domingo era bem inferior ao costumeiro. A escola de samba Botafogo Samba Clube seria a penúltima escola a desfilarmos, uma posição que por si só já reduz bastante o público. Naquele domingo de carnaval, a chuva parou apenas antes do início da concentração da escola, quando as arquibancadas já estavam bem esvaziadas. Pouco antes de 3h30 da manhã, entretanto, a Botafogo Samba Clube iniciava seu desfile. Um desfile compacto, sem a presença do homenageado, mas que trazia parceiros do time campeão brasileiro de 1995. Apenas alguns alvinegros isolados

na arquibancada pulavam, acenavam e tentavam acompanhar o samba. Mas os componentes da escola cantavam entusiasmadamente o refrão do samba¹⁵ que dizia:

“Túlio Maravilha, nós gostamos de você

Faz mais um, pra gente ver

É o artilheiro do talento irreverente

Brilha a estrela solitária eternamente!”

O enredo trouxe uma réplica da taça do campeonato de 1995. No setor final uma série de alas fantasiada com uniformes de futebol que faziam referência por suas cores a alguns clubes onde Túlio também jogara (obviamente sem referências ao rival tricolor onde Túlio jogou em 1999).

O desfile foi comentado na imprensa esportiva no dia seguinte. As matérias repercutiam a alegria que trouxera uma escultura do homenageado e havia viralizado na internet com comparações as feições de Paulo Henrique Ganso, jogador do Fluminense.

A despeito das piadas dos rivais futebolísticos, a imprensa carnavalesca considerou a escola uma das favoritas ao título. O resultado obtido foi considerado satisfatório, pois com o vice-campeonato na 5ª divisão, a Botafogo Samba Clube ascendeu à 4ª divisão do carnaval carioca.

2.O Caso Imperadores Rubro Negros: a revanche dos flamenguistas.

Antes do caso acima analisado, torcedores do Clube de Regatas Flamengo já haviam convertido a paixão clubística em escola de samba. Remonta a 1995, ano em que se comemorou o centenário do clube rubro-negro, a primeira tentativa de uma escola de samba de aglutinar torcedores de um clube de futebol, no caso a Nação Rubro Negra. Naquele ano, em São Paulo, a Gaviões da Fiel, ligada aos torcedores do Corinthians, havia se sagrado campeã da 1ª divisão do carnaval. Já no Rio de Janeiro, a Estácio de Sá desfilou na 1ª divisão, no domingo de carnaval do ano de 1995 na Passarela do Samba, com um enredo homenageando o centenário do Flamengo. Declaradamente inspirada pelos acontecimentos, a líder da torcida organizada Flamante, Antônia Duarte “Toninha” se

¹⁵ Compositores: André Ronaldo, Bruno Caeiro, Chicão, Clebão, Denis Moraes, Jean Marques, Kunta, Luizinho Das Camisas, Mateus Rodrigues, Rod Beckham, Tem Tem Jr.

uniu ao diretor de outra torcida organizada, Cláudio Cruz da Raça Rubro Negra e fundaram a Nação Rubro Negra. Sem quadra, sem muitos recursos e diante da inexperiência na organização de uma escola de samba, apelaram para a compra de CNPJ da Mocidade Unida de Vasconcelos que desfilava na penúltima divisão. A nova escola desfilou em 1996 com enredo sobre a Rua da Carioca, um urubu no abre alas e muito vermelho e preto nas fantasias das alas, . O curioso é que todos os registros oficiais indicam aquele desfile como sendo da Mocidade de Vasconcelos: desde as notas lidas no mapa de apuração até a bandeira que desfilara na Avenida Rio Branco, no centro do Rio, era a da antiga agremiação. A "nova" escola terminou com a 6ª posição entre 12 escolas e permaneceu no mesmo grupo para o carnaval seguinte quando ensaiou no Circo Voador, localizado na Lapa. Entre os compositores do samba de enredo estavam Sandra de Sá, João Nogueira e o ex-jogador Júnior. Apresentando-se com o novo nome, problemas como uma suposta briga com rivais vascaínos que os emboscaram nas proximidades da concentração para o desfile até recorrentes problemas financeiros enfrentados pelas escolas que desfilam nestes grupos vieram à tona e, tendo obtido a penúltima colocação entre as escolas da 4ª divisão, a escola foi uma das quatro rebaixadas e não desfilou mais.

Alguns anos adiante, em 2013, houve outra tentativa de aglutinar torcedores rubro negros em uma escola de samba. A Império Rubro Negro utilizou-se do CNPJ da Império da Praça Seca, integrante da 3 divisão. O desfile já próximo de 7 horas da manhã de segunda feira de carnaval pode ser visualizado em filmagens amadoras disponíveis no Youtube. Quase sem componentes e com a bateria sem fantasia, tendo obtido o último lugar em seu grupo, a escola foi rebaixada e não desfilou no ano seguinte.

Com nome similar a fracassada anteriormente, uma nova tentativa é encenada pela criação em 2018 da Imperadores Rubro Negros. Dessa vez com grande público e participação de celebridades da música e do samba como Sandra de Sá, Dudu Nobre, Ito Melodia, Ivo Meireles, e figuras políticas como a Deputada Laura Carneiro (do Democratas) entre outros. Esse e outros eventos ocorreram em casa de festas na Barra da Tijuca. A presidência foi assumida pelo compositor Serginho Aguiar, ex-presidente do Império Ricardense e Unidos da Ponte.

Um debate entre radialistas da Rádio 94 FM e o presidente da Imperadores Rubro Negros tornou-se célebre entre os sambistas. Depois de quase meia hora de duras críticas por parte dos comentaristas que temiam uma possível transferência da violência dos estádios de futebol para os desfiles foi abordada a questão de compra e venda de CNPJ

para fundação de novas escolas. Boa parte dessas críticas eram oriundas da associação equivocada entre a natureza das agremiações ligadas aos clubes de futebol no Rio e em São Paulo. Atribuiu-se o pertencimento dos membros de torcidas organizadas na formação dessas agremiações cariocas o perigo da violência. Aqui vemos também emergir claramente o estigma em torno do pertencimento as torcidas organizadas de futebol bastante discutido nas pesquisas sobre o tema (Câmara; 2000). Enquanto o tema era debatido, o presidente Serginho Aguiar entrou em contato na tentativa de responder ao âncora do programa, que lhe permitiu apenas uma curta fala que afirmava:

“A Imperadores Rubro Negros é comandada por sambistas, amigo. Aqui a escola começou no Grupo E, tem todo um fundamento calcado nos primórdios do samba. A ideia surgiu de um grupo de amigos sambistas. (...) As torcidas não vão invadir! A Intendente Magalhães não é Maracanã! Em São Paulo é um projeto que deu certo. A Gaviões da Fiel foi campeã do carnaval! Só que lá a questão é outra. Lá tem questões externas ao estádio de futebol que vão para as torcidas e escolas. Aqui quem compõe a escola é sambista! Quem compõe a escola é quem gosta de samba, gosta de carnaval, gosta do Flamengo ou não é flamenguista. (...) Não tem papo de torcida na minha escola, não!”

(Serginho Aguiar, Presidente da Imperadores Rubro Negros em entrevista ao Programa Cidade do Samba em 20 de agosto de 2018)

O caso das escolas de samba ligadas ao futebol em São Paulo ronda o imaginário do sambista carioca tanto entre os contrários à fundação dessas escolas quanto entre os que as defendem. As escolas ligadas ao futebol em São Paulo associam-se nesse imaginário tanto às mortes violentas decorrentes do enfrentamento dos agrupamentos organizados fora dos estádios; quanto a experiências de sucesso frisadas por Serginho Aguiar, presidente da escola em pauta.

Os Imperadores enfrentavam um desafio maior que aquele de seus antecessores. Começava na última divisão concorrendo com mais 14 escolas de samba por apenas três vagas na 5ª divisão. Como todas as escolas da 6ª divisão, a escola dos rubro negros teria

que custear seu carnaval sem subvenção pública e desfilar no sábado seguinte à semana do carnaval. O enredo escolhido era uma declaração direta da associação ao Clube de Regatas Flamengo: “Paixão pelo clube e amor pelo samba”. Tal como com a escola botafoguense, a Imperadores Rubro Negros contava com certo amparo da diretoria do clube de futebol. Um de seus quadros diretivos, o presidente de honra da escola era o Vice-Presidente em exercício do Flamengo, Maurício Gomes de Mattos.

A escola de samba animou alguns eventos no clube do bairro da Gávea, na Zona Sul do Rio, mas os eventos da própria escola, como já indicado, caso de feijoadas e escolha de samba aconteceram em salões de festa na Barra da Tijuca e Recreio. Os ensaios de bateria ocorreram regularmente na quadra da escola de samba Difícil é o Nome, que desfilou na 4ª divisão e sediada no bairro de Pilares, Zona Norte do Rio de Janeiro. Neles via-se a presença de bandeiras de algumas das outras torcidas organizadas do Flamengo como a Fla Mangueira ou do projeto Embaixadas Rubro Negras.

2.1. O Desfile da Imperadores Rubro Negros, a rivalidade e o resultado

Os Imperadores Rubro Negros foram a quarta escola a desfilar no sábado seguinte ao carnaval, quando acontecia na Passarela do samba o desfile das campeãs do Grupo Especial, das chamadas grandes escolas cariocas. Eram aproximadamente 21 horas quando seu desfile começou. A Estrada Intendente Magalhães recebeu grande público naquela noite como é usual todos os anos nessa noite em que desfilam as escolas posicionadas na última divisão da hierarquia carnavalesca. Nesse dia, não há mais concorrência com os desfiles oficiais do Sambódromo e, no carnaval 2019, nem mesmo transmissão pela TV do desfile das campeãs houve. No subúrbio era dia de aproveitar os últimos eventos da folia de Momo. O clima em Campinho era tranquilo, sem chuva como nos outros dias de carnaval, sem a tensão dos tiroteios no Morro do Fubá, ali perto. As crianças correndo pela pista no intervalo dos desfiles, as pessoas bebendo nas barracas do entorno da pista, vizinhos da passarela popular com cadeiras no portão e isopor do lado.

Na concentração os rubro negros estavam orgulhosos de suas fantasias e do carro alegórico da escola, um grande urubu coroadado e ladeado por destaques. Nas arquibancadas a curiosidade era grande. A pergunta mais frequente: “é agora que desfila a escola do Flamengo?”

Quando a sirene finalmente autorizou a quarta escola a desfilar, o puxador Hudson, trajando uma camisa regata da torcida organizada Fla Manguaça, convocou o vice-presidente do clube para o discurso de abertura do desfile. Microfone em punho, Mauricio Gomes fez a costumeira louvação de incentivo aos desfilantes, parabenizou o presidente pelo belo carnaval preparado para a escola e convocou: “*Embaixadas, consulados, torcidas do Mengão vamos dar tudo agora! Vamos lá mengo!*” Logo a seguir discursou o presidente Serginho Aguiar com agradecimentos aos componentes e diretores que “deram tudo para colocar a escola na avenida”.

O puxador deu o grito de guerra e o desfile começou com a comissão de frente fantasiada de jogadores de futebol do Flamengo, casal de mestre sala e porta bandeira, um tripé e as baianas. A escola evoluiu e, entre torcedores ou não do Flamengo, o público apesar de bem interessado reagiu com certa indiferença ao desfile. Com uns 10 minutos de desfile, o público ergueu-se nas arquibancadas com a passagem da bateria. A escola tinha muitos componentes, e começou a evoluir e mais apressadamente para cumprir os trinta minutos máximos previstos pelo regulamento. Já próxima da dispersão, diretores e público aparentavam preocupação até que, a um minuto para o fim do tempo regulamentar, o último carro aproximou-se entusiasmando o público, especialmente o infantil, pois os destaques desse carro lançaram bolas para as arquibancadas. O entusiasmo com os brindes, a proximidade do final do desfile, a beleza do carro alegórico e o nervosismo com a possibilidade de perda de pontos se misturaram às vaias dos torcedores de clubes rivais. Moradores de um prédio da Intendente Magalhães, bem conhecidos entre si, que assistem ao desfile sempre no mesmo ponto da pista, iniciaram então uma vaia ao carro do urubu que não parecia conseguir fechar o desfile no tempo hábil. Os antes tensos torcedores rubro negros do entorno, respondem aos gritos de “mengo” e uma batalha típica dos estádios de futebol toma conta do desfile. Um dos destaques do carro alegórico começou a balançar entusiasmadamente uma faixa “Torcida Fla Mureta” em direção ao público. Antes que gritos de “Vasco! Vasco!” começassem a ganhar novamente força, uma grande vibração veio da pista para a plateia. A escola Imperadores Rubro Negros havia conseguido concluir seu desfile dentro do tempo regulamentar.

As rádios que transmitiram o desfile e os sites especializados na cobertura indicaram unanimemente a escola como uma das favoritas ao título. A apuração rendeu novos momentos de tensão. A Imperadores chegou a cair para o quinto lugar, mas

terminou na terceira posição. As três primeiras - Acadêmicos da Diversidade, Unidos de Mangueiros e Imperadores Rubro Negros respectivamente - subiram para divisão superior.

Considerações Finais: Caminhos para percorrer entre Rubro Negros e Botafoguenses

Qual o lugar do futebol no carnaval das escolas de samba a partir de nosso exame desses dois casos? Vimos como se acentua a relevância da dimensão competitiva na nova estratégia de fundação de novas escolas. E o fato das brechas regulamentares como compra de CNPJs ou as chamadas “viradas de mesa” – como são chamadas as articulações para que as escolas rebaixadas permaneçam no grupo ou subam mais escolas que as previstas em regulamento – ganham outra dimensão com o caso das escolas associadas aos clubes de futebol ou torcidas organizadas. O transbordamento da organização carnavalesca para fora do mundo do samba fez ressoar o temor da reação violenta oriunda de uma visão estereotipada da paixão clubística do futebol. Ao mesmo tempo a capacidade de arregimentação de novos adeptos também se fez notar. No caso das escolas enfocadas, o sentimento de pertencimento deixa definitivamente de ser ao bairro ou região da cidade e a adesão ao clube de futebol e às arquibancadas dos estádios parece governar essa nova forma de sociabilidade carnavalesca.

Os próprios símbolos eleitos por essas escolas transmigram do futebol para o samba. Afinal, as escolas explicitaram essa associação no nome, nas cores escolhidas e nos símbolos centrais estampados na bandeira. Nos Imperadores, lá estava o conhecido urubu, mascote do time de futebol Flamengo; as cores principais das fantasias e da bandeira da agremiação eram vermelho e preto. A estrela solitária do clube Botafogo, bem como as cores do alvinegro eram também o elemento central da bandeira da escola Botafogo Samba Clube. Como indicou Simone Lahud (2009), os clubes de futebol assim como as escolas de samba são territórios de criação de sentido e significação para seus adeptos. Como indicou Cavalcanti (2018) para o caso dos Bumbás de Parintins (AM), os símbolos dos grupos em confronto ritual ativam não só o sentimento de pertencimento a um grupo como estimulam e integram a construção da rivalidade festiva entre os grupos.

Vale indicar também o deslocamento das torcidas de futebol do pertencimento construído nas arquibancadas do estádio para uma atuação mais ampla como movimentos populares de torcedores. Nessa expansão que reordena o mundo das novas torcidas do

futebol carioca, encontram-se as escolas de samba. Esse encontro se traduz em uma maior valorização do elemento festivo na sociabilidade dos grupos que o promovem, e na menor ênfase em aspectos mais evidentes no caso da atuação das torcidas no mundo do futebol, como a exaltação e apoio incondicional ao clube.

Em sua dissertação “*Porque a nossa é uma torcida diferente: uma etnografia do Movimento Popular Loucos pelo Botafogo*” (2012), Eduardo Lacerda Mourão mostra como as novas torcidas de futebol se constroem umas perante outras, em um jogo de espelhos de identidades contrastivas nos meandros de uma atividade simbolicamente rica. Tal como vemos na rivalidade dos bumbás parintinenses, os símbolos clubísticos ganham predominância no caso pesquisado pelo autor, ou seja, o Movimento Popular Loucos Pelo Botafogo. Tanto no exemplo do Botafogo Samba Clube quanto entre os Imperadores Rubro Negros pude observar essa preocupação de identificação direta com o clube e que distancia dos exemplos das escolas de samba ligadas às torcidas organizadas de São Paulo. Com os casos das escolas de sambas estudadas, que se associam a um clube futebolístico como um todo, podemos dizer que no Rio de Janeiro as escolas de samba se diferenciam bastante cariocas se afastar das escolas de samba paulistanas ligadas às torcidas organizadas.

Este estudo exploratório buscou abrir caminhos para que outros pesquisadores avancem por este terreno.

Bibliografia

ARAÚJO, Eugênio. “Vida e morte nas pequenas escolas de samba: uma aproximação histórica e antropológica das escolas de samba dos grupos C, D e E do Rio de Janeiro”. *Textos escolhidos de Cultura e Arte Populares*, Rio de Janeiro, v.6, n.1, p.51-66, 2009.

BARBIERI, Ricardo José. *A Acadêmicos do Dendê quer brilhar na Sapucaí*. Jundiaí: Ed.Paco. 2012.

_____. Etnografia da galera do Caprichoso: simbolismo e sociabilidade entre jovens no festival de Parintins. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p. 63-80, mai. 2013.

_____. *Manaus (AM): A cidade e suas escolas de samba*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do

Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2016.

BUENO, Arthur. Uma torcida que samba: o Grêmio Recreativo Gaviões da Fiel. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; NEGREIROS, Plínio (Orgs.) *Os Gaviões da Fiel: Ensaio e etnografias de uma torcida organizada de futebol*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

CÂMARA, Rosana da. Torcidas jovens: paixão, amizade e aventura. In: ALVIM, Rosilene; GOUVEIA, Patricia (orgs.). *Juventude nos anos 90*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

CAVALCANTI, Maria Laura. *Carnaval Carioca: Dos bastidores ao desfile*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

_____. O Ritual e a brincadeira: Rivalidade e afeição no Bumbá de Parintins (AM). *Mana*. Rio de Janeiro, vol.24, n.1, pp.9-38, 2018.

ERICEIRA, Ronald Clay. *A reconstrução do passado da Portela na rede mundial de computadores e rodas de samba*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.

FERREIRA, Júlio César. *Blocos de Enredo: seu lugar e seus significados na configuração do carnaval carioca*. Tese de doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2018.

GONÇALVES, Renata Sá. Continuidade no espetáculo da mudança: o casal de mestresala e porta-bandeira In: "*Carnaval em múltiplos planos*". CAVALCANTI, Maria Laura & GONÇALVES, Renata Sá (orgs.). Rio de Janeiro: Aeroplano; 2009.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MEDEIROS, Jimmy. Escolas de samba e torcidas organizadas de futebol: Análise de um caso de sincretismo no carnaval paulistano. *Mosaico*. São Paulo, Vol.9, n.14, p.23-47, 2018.

LAHUD, Simone. "Que "Povo Brasileiro" No Campo De Futebol?". *Razón y Palabra*, Buenos Aires, v. 69, p. 45-55, 2009.

LEAL, Eugênio; BALTAR, Anderson; DATOLI, Vicente. *As primas sapecas do samba*. Rio de Janeiro: Ed. Novaterra. 2015.

MOURÃO, Eduardo Lacerda. *Porque a nossa é uma torcida diferente: uma etnografia do Movimento popular Loucos pelo Botafogo*. Dissertação de Mestrado apresentada Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.

NETO, Paulo. *Espelho Meu: Um estudo sobre a União da Ilha*. Rio de Janeiro: Ed. Torre. 2011.

PEREIRA, Bárbara. *Estrela que me faz sonhar: histórias da Mocidade – Coleção Cadernos de Samba*. Rio de Janeiro: Ed. Verso Brasil. 2013.

PIMENTA, Carlos Alberto; SILVA, Geraldo Camilo. Reflexão sobre as torcidas organizadas no samba e a espetacularização do carnaval carioca. *Sociedade e Cultura*. Goiânia, v.22, n.1, p.318-337, jan/jun. 2019.

PIMENTEL, João. *Marcadas para viver: a luta de cinco escolas - Coleção Cadernos de Samba*. Rio de Janeiro: Ed. Verso brasil. 2012.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense. 1999.

TOLEDO, Luiz Henrique de. "A Cidade das Torcidas: Representações do Espaço Urbano entre os Torcedores e as Torcidas de Futebol na Cidade de São Paulo". In: "*Na Metrópole: textos de antropologia urbana*". José Guilherme C. Magnani & Lillian de Lucca Torres (orgs.). São Paulo: Edusp/Fapesp, 2008.

TURANO, Gabriel da Costa. *UES, UGES, FBES, UGESB, CES, CBES e AESB! Que carnaval é esse? As instituições carnavalescas no processo de formação das escolas de samba entre os anos de 1935 e 1953*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.

